



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: uma análise da construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira no livro didático de sociologia

Thiago da Conceição Dias
Mestrando em Ciências Sociais (PPGCSoc)
Centro de Ciências Humanas (CCH) –UFMA/São Luís
E-mail: thiago.dias29@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris
Professor Associado de Sociologia do Curso de Ciências Humanas/Sociologia (CHBA)
Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) - UFMA
E-mail: wheristonneris@yahoo.com.br

RESUMO: O presente estudo é um recorte de um trabalho de conclusão de curso que teve como objetivo analisar no livro didático de sociologia a construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira, visto que ao articular os conceitos de raça e cultura no ensino de sociologia o debate é limitante e superficial no âmbito da formação da sociedade brasileira. Buscamos problematizar e desnaturalizar os estereótipos que conferem a população negra uma pretensa inferioridade. Como metodologia optou-se pela análise de conteúdo a partir da concepção de representação coletiva e social proposta por Durkheim como elemento fundamental para entender as construções simbólicas da representação do negro na sociedade. O trabalho está dividido em dois momentos. O primeiro aborda as fundamentações teóricas que estruturam o estudo. Em um segundo momento analisamos como a representação social do negro é exposta no livro didático *Sociologia em Movimento* utilizado em uma escola pública estadual do município de Bacabal - MA. Conclui-se com a necessidade de uma ressignificação de textos e de imagens sobre a população negra nos livros didáticos, uma vez que há muito ainda a ser feito para o debate sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Sociologia; Livro Didático; Educação; Relações Étnico-Raciais.

INTRODUÇÃO

Quem vive o cotidiano da sala de aula sabe que não é exagero afirmar que os alunos do ensino médio desconhecem a história dos povos africanos e sua influência na construção da sociedade. Esse distanciamento entre o Brasil e África se deve em parte ao fato de a tradição cultural brasileira ser profundamente eurocêntrica, cujo fascínio pela história da Europa ainda tem forte apelo no sistema educacional.

Desse modo, considerando que nossas escolas têm um importante papel a cumprir perante a sociedade, principalmente no que diz respeito a formação de cidadãos, o ano de 2003 é um dos marcos na história das leis educacionais no Brasil. Entra em vigor a lei 10.639/2003, na forma do artigo 26, acrescido à lei n. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Bases da Educação Nacional), que define obrigatoriamente que os conteúdos sobre a história e cultura africana e seus descendentes sejam abordados na educação básica das redes públicas e privadas de todo o país.

Porém, durante a produção do trabalho foram identificados vários pontos que dificultam este tipo de ensino. A começar pela formação inicial dos professores. Durante seus cursos de graduação muitos educadores não tiveram acesso a disciplinas sobre o ensino de história da África. Outro problema que dificulta a educação para as relações étnicas-raciais diz respeito à grande parte dos livros didáticos não trazer os assuntos referentes à cultura negra no Brasil. Quando apresentam, é de forma superficial.

Em vista disso, a limitação de conhecimento sobre o tema compromete a sua abordagem. Desse modo, a população afrodescendente brasileira que atravessou séculos lidando com silêncios, estereótipos e distorções que ressoavam em salas de aula, continuam encontrando barreira para que sua história e cultura sejam valorizadas. Além disso, segundo Santos (1994), os brasileiros não gostam de tocar na questão das relações étnico-raciais porque no imaginário popular acredita-se na existência de uma democracia racial, onde o racismo não faz parte da realidade. Diante desses fatores, há quem diga que a escola é reprodutora de desigualdades sociais. De acordo com Oliveira (2009), a escola continua selecionando alguns saberes, valores e práticas, rejeitando outros com base em diferentes tipos de relações de dominação - econômicas, políticas, étnicas, de gênero, de orientação sexual e de religião. Assim, a presença marcante do mito da democracia racial que vem sendo reproduzido pelas instituições de ensino, dificulta a real necessidade de combater o racismo enraizado na sociedade.

Desse modo, tomando como premissa de que o livro didático é a principal ferramenta utilizada pelos professores, o presente trabalho analisa de que forma o livro didático de sociologia de uma escola pública estadual do município de Bacabal aborda as relações étnico-raciais. Além disso, o interesse pelo tema em questão, surgiu durante o percurso no curso Ciências Humanas-Sociologia do qual alguns docentes problematizam a lei nº 10.639/03 quando discutiram a questão étnico-racial em suas disciplinas. É preciso investir nesse tipo de estudo. São investimentos que podem surtir efeitos nas salas de aula nas próximas gerações, para que seja possível responder indagações do tipo: o que torna difícil a abordagem da Cultura afro-brasileira nos livros didáticos de Sociologia?



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Em vista disso, o estudo se caracterizou como análise de conteúdo, dividido em dois momentos. O primeiro momento contou com a revisão bibliográfica e documental, identificação das principais ferramentas pedagógicas utilizadas na escola, registros das principais dificuldades de conciliar teoria e prática acerca do tema da educação das relações étnico-raciais no ensino de sociologia a partir da forma como a Educação Étnico-Racial está contemplada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por último, a análise do livro didático de sociologia. O campo de estudo se trata de é uma escola pública estadual, o Centro de Ensino Arimathéa Cysne, que possuem alunos oriundos da zona urbana e rural da cidade de Bacabal – MA.

A HISTÓRIA DOS POVOS AFRICANOS E O RACISMO NO BRASIL

O Brasil nasceu da exploração do pau-brasil pelos portugueses quando chegaram em 1500 em nossas terras. No entanto, de acordo com Carlos Brandão (1986), a nossa cultura tem suas raízes oriundas além dos portugueses e indígenas que aqui viviam, também dos povos que vieram de várias partes do continente africano. Essa diversidade cultural pode ser observada em suas variações na música, na religião, na língua, na culinária, na organização social, na arte, na política, nos costumes, nas diferentes formas de viver e pensar, e em outros aspectos.

De acordo com Valdemir Zamparoni (2007), a relação entre Brasil e a escravidão dos povos africanos se perpetuou por mais de 300 anos, sendo o segundo país com maior percentual de afrodescendentes do mundo, influenciando diretamente hábitos e costumes locais. Os africanos foram os pioneiros da metalurgia de ferro, sabiam como criar o gado fora dos estábulos ou solto no campo, influenciaram novas práticas na dança, na música, na culinária e no idioma. Trouxeram para a cozinha brasileira muitos vegetais básicos que enriqueceram com novas comidas, além de influenciar na arquitetura. Contribuíram na formação da nossa linguagem, que é um dos aspectos mais evidente da contribuição cultural dos africanos trazidos para o Novo Mundo (THORNTON, 2004).

Ainda, segundo John Thornton (2004) foram às circunstâncias políticas, demográficas e econômicas que os levaram ao novo mundo atlântico após 1450. Para este território foram trazidos diferentes povos africanos, cuja diferenças foram equilibradas pelas semelhanças que possuíam e por meio dos processos contínuos de mestiçagem física e cultural. De acordo com Darcy Ribeiro (2019), o que mais contribuiu culturalmente para



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



o Brasil foram os vários povos trazidos principalmente da costa ocidental da África, com suas diferenças culturais, com seus dialetos e línguas diferentes umas das outras. Assim, o continente africano era e ainda hoje é, em larga medida, uma imensa Babel de línguas. Desse entrelaçamento de dois ou mais povos foram surgindo um novo povo.

Paralelamente, ainda de acordo com Thornton (2004), nos tempos da escravidão, a África alimentou o continente americano de braços, tradições e saberes milenares. Com efeito, nos solos brasileiros desenvolveram-se uma economia e uma sociedade fundada no trabalho escravo africano e indígenas. Portanto, a participação dos africanos e povos indígenas na construção da sociedade brasileira foi de extrema importância para o desenvolvimento do povo brasileiro.

Além disso, cabe ressaltar que no Brasil a herança cultural dos povos africanos se caracteriza como símbolo de resistência contra a escravidão. Embora tratados de forma oculta e superficial pela historiografia tradicional, os escravizados não foram seres passivos. Onde houve escravidão, houve resistência a ela, é possível observá-la na música onde a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base de boa parte da música popular brasileira, dando origem à base rítmica do maxixe, o samba, o choro, a bossa-nova, o reggae e outros gêneros musicais atuais. No aspecto religioso, as religiões africanas, mais diretamente ligadas às forças da natureza e depois adaptadas aos santos católicos, se formaram em sincretismo com o catolicismo e religiões indígenas, dando origem às novas religiões afro-brasileiras. Além disso, havia aqueles que por diversos motivos não aceitavam as condições de escravidão da qual estavam submetidos. Quando conseguiam, fugiam para outras localidades ou para quilombos, dando origem a movimentos de resistência.

Porém, geralmente a África é apresentada nas mídias ou até mesmo nos livros didáticos como um continente que, quando não exibem expedições por terra em lugares selvagens, agregam pobreza, epidemias e outras mazelas, o que dificulta aos alunos a se identificarem com qualquer semelhança, consequentemente reproduzindo o racismo. Segundo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2009), qualquer estudo sobre o racismo deve começar por notar que falar sobre o continente africano é um dos tabus a serem discutidos. O racismo no Brasil é profundamente disfarçado (GONZALEZ, 2020).



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



De acordo Lélia Gonzalez (2020), a população negra brasileira se encontra numa situação não muito diferente nos tempos da falsa abolição, pois as formas de dominação e exploração não acabaram e se modificaram. O povo negro continua marginalizado, discriminado, esmagado e empurrado ao desemprego, subemprego, cujos direito à educação, à saúde e a moradia decente são negados. Além disso, Carlos Moore (2007) aponta que o racista nega esse quadro e o justifica. Combate qualquer proposta para a manutenção dos privilégios unilaterais que desfruta na sociedade, uma vez que o racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à sua trivialização e banalização.

Mesmo diante desses fatores negativos, o racismo no Brasil como problemática ainda é reduzido, na maioria das vezes, é negado a sua existência. Algumas frases ou piadas consideradas comuns no cotidiano deixam evidente o racismo nas relações sociais. Mesmo com todas essas evidências negativas em relação ao negro, o preconceito é ignorado. Roger Bastide (2008) ressalta que a negação da existência de preconceito em relação ao negro se caracteriza quando,

“Nós brasileiros”, dizia-nos um branco, “temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social”. Muitas respostas negativas explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por essa fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial. [...] É verdade que esse ideal de democracia impede as manifestações demasiado brutais, disfarça a raça sob a classe, limita os perigos de um conflito aberto. Se a isso acrescentarmos certa bondade natural do brasileiro, o hábito adquirido há séculos de viver com os negros e, mesmo, por vezes, uma certa displicência, compreenderemos melhor que o preconceito não se exprima abertamente, mas de um modo sutil ou encoberto (BASTIDE, 2008).

Assim, de acordo com Frantz Fanon (2008) ser branco é ser aceito na sociedade, é ter oportunidade de emprego e não correr o risco de ser taxado com algum estereótipo associado as pessoas negras, pois no que diz respeito a cor negra, o preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio. Desse modo, os estigmas atribuídos a população negra no Brasil estão relacionados a cor da pele. É como se tivessem uma marca que aponta características negativas. Para Goffman (1988), a descoberta de um estigma num indivíduo prejudica não só a situação social corrente, mas também as relações já estabelecidas e a imagem que os outros terão dele. Assim, destaca três formas de racismo: o pessoal, o social e o institucional.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Sobre o mesmo ponto de vista, Guimarães (2009) aponta que no Brasil aqueles de pele escura são marginalizados pela sociedade. Sofrem a discriminação e o preconceito antes reservados ao negro africano nos tempos da escravidão. Segundo Paulo da Silva e Fúlvia Rosemberg (2008), é frequente a associação de pretos e pardos a construções negativas na sociedade, tais como maus cheiros, sujeira, pecado, castigo, tragédia, feiura, animais (personagens antropomorfizados), baderna, maldade, periculosidade e ameaça social. Sem dúvidas o preconceito e discriminação tem origem do racismo que ocasionalmente contribui para manutenção de dificuldades de acesso a uma vida digna, segura e de qualidade à população negra. A respeito da forma como o racismo se caracteriza, Carlos Moore (2007) indica que,

Nas sociedades atuais, os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, às estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e as forças incumbidas da manutenção da paz. O racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo (MOORE, 2007, p. 284).

Para Fábio Nogueira (2017), só é possível compreender o racismo como relação de poder estruturado dentro das instituições sociais, e somente com a reforma delas pode ser superado. Negar que as instituições sociais precisam passar por reformas impede que as situações de racismo se transformem em questão social, ficando reduzidas à esfera pessoal e não ganhando conotações políticas e coletivas com explicações relacionadas à formação social e que se reproduzem nas práticas cotidianas. Com a negação deste problema que faz parte da realidade, o racismo estrutura as desigualdades sociais no Brasil e recai perversamente sobre a população negra.

Em síntese, é necessário reconhecer a importância de se combater o racismo. É evidente que os instrumentos legais que concretizam a política educacional sejam projetados com o intuito de redimensionar a memória histórica. As políticas educacionais devem favorecer o conhecimento acerca da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros. É preciso enfrentar o preconceito e seus desdobramentos nocivos na formação de crianças e adolescentes por meio da construção de uma nova forma de se pensar a construção da nação e da nacionalidade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no Brasil, é o mais antigo dos programas voltados a distribuição de livros didáticos aos alunos nas escolas públicas. Portanto, se encontra presente, seja no processo de alfabetização, seja para o aprendizado das várias ciências que sustentam as disciplinas escolares. Segundo os estudos de José William Vesentini (2007), o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência, pois é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte única de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida. Assim, conforme Circe Bittencourt (2002),

O livro didático, no entanto, continua sendo o material didático referencial de professores, pais e alunos que, apesar do preço, consideram-no referencial básico para o estudo; e em todo o início do ano letivo as editoras continuam colocando no mercado uma infinidade de obras, diferenciadas em tamanho e qualidade (BITTENCOURT, 2002).

Portanto, durante muito tempo, lamentavelmente o livro didático contribuiu com a construção de estereótipos que povoam a imaginação de estudantes que assimilam as imagens negativas da África como verdades absolutas. Os temas são abordados de maneira vazia, sem trazer reflexões acerca da importância desses povos para a formação do Brasil. Com a deficiência do tema da cultura africana e afro-brasileira, os alunos acabam sendo prejudicados durante o período de desenvolvimento de suas identidades social e cultural. Dessa maneira, uma das maiores consequências desse fator é a normalização do racismo que contribuem em distorções. Segundo Renata Alexandre Severino (2010),

O fato de, muitas vezes, os livros didáticos utilizados em sala de aula retratarem o negro de uma forma estigmatizada origina danos ao aluno, que acha normal o racismo e a discriminação contra as pessoas negras, reforçando-se, então, ideias racistas dentro e fora da escola (SEVERINO, 2010, p. 22)

Desse modo, considerando que o livro didático é a principal ferramenta pedagógica, analisamos o livro de sociologia para obter informações acerca da construção imagética e textual acerca da história e cultura africana e afro-brasileira. O material analisado se trata de um volume único completo e atualizado que reúne um time de autores especialistas que atuam na educação básica para atender às necessidades da escola pública e à realidade de alunos, professores e comunidade escolar, sem perder de vista os conceitos fundamentais de grandes nomes da disciplina de sociologia.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



O livro didático *Sociologia em Movimento* é distribuído em 15 capítulos divididos em 6 unidades. A análise dos dados aponta que o material segue as orientações curriculares para o Ensino Médio por meio dos três tipos de recortes que são reiterados nas propostas construídas para o ensino de Sociologia: conceitos, temas e teorias, além de mais um instrumento importante que pode complementar os três elementos que é a pesquisa. As atividades são aparentemente compatíveis com os desafios enfrentados pelos jovens na atualidade e os ajuda a formular os questionamentos de nosso tempo, tendo como base o estranhamento diante dos fenômenos sociais e sua desnaturalização. (Ver figura e tabela1)

Figura 1: Sociologia em movimento 1º, 2º e 3º.



Fontes: Editora Moderna, 2016.

Tabela 1: Dados do livro didático de sociologia

Título: Sociologia em Movimento	
Autor (es): Vários autores	
Edição:	2ª edição, 2016
Editora:	Editora Moderna
Volume:	Volume único
Local da publicação:	São Paulo
Coleção:	Sociologia
Ano de adoção na escola:	2018, 2019 e 2020

Fonte: autoria própria, 2019.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



O livro é composto de textos elaborados a partir de uma linguagem simples, o que torna acessível a jovens do Ensino Médio. No entanto, apesar de oferecer um conteúdo de forma eficaz para a compreensão e ao desenvolvimento cognitivo no processo aprendizagem dos alunos, o material propõe apenas na segunda unidade uma breve explanação acerca de conteúdos que contribuem para a educação antirracista. O que significa que nem todos os alunos tem acesso ao tema, já que os capítulos da mencionada unidade são indicados apenas para os alunos do primeiro ano. A análise possibilitou pontos interessantes que podem surtir efeitos positivos na construção de imagens da cultura africana e afro-brasileira. No capítulo 5 da unidade que está localizado na página 108, (Raça, Etnia e Multiculturalismo) é um exemplo. O capítulo está dividido em duas etapas importantes. (Ver figura 2)

Figura 2: Capítulo 5, Raça, Etnia e Multiculturalismo, p. 108.



Fonte: Editora Moderna, 2016.

A primeira etapa aborda os conceitos de preconceito, discriminação e segregação como práticas sociais que estruturam hierarquias raciais. A partir dessas abordagens é possível desconstruir com os estudantes a ideia de superioridade e inferioridade entre os povos. Assim, a turma compreenderia que as hierarquias que caracterizam a população negra como inferior não fazem sentido. Na segunda etapa identificamos uma breve discussão sobre os conceitos de raça, racismo e etnia na dinâmica dos diferentes povos e grupos sociais. Aqui o conceito de racismo é apresentado como uma construção social, que precisa ser combatido. E por último, é exibido os conceitos de multiculturalismo e ação afirmativas que surgem como forma de combater as desigualdades sociais na sociedade capitalista contemporânea.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Didaticamente o capítulo analisado está pautado numa educação antirracista a partir do reconhecimento e identificação dos principais conceitos que envolve as relações étnico-raciais. Portanto, pode promover o estreitamento dos laços dinâmicos entre o docente e os estudantes. Conseqüentemente o conteúdo (dividido em tópicos essenciais) identificado pode positivamente servir de rompimento com a perspectiva eurocêntrica de saberes que limita ou mesmo impede o reconhecimento da história da África e dos afro-brasileiros.

Por outro lado, também foram identificados pontos negativos. No capítulo que aborda o conceito de religião, não foram identificadas citações acerca das diversas religiões afro-brasileira, um dos principais alvo de preconceito e racismo no Brasil. O fenômeno religioso é apresentado de forma fragmentada e superficial e não gera no aluno o desejo por pesquisas mais profundas sobre a tema. É frequente a resistência de alunos pertencentes a outros segmentos religiosos, o que conseqüentemente dificulta o diálogo sobre os diferentes tipos de religiões no Brasil, deixando evidente que o preconceito ainda reflete sua maior característica que é a intolerância religiosa.

De acordo com Durkheim (1996) “não há, pois, no fundo religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira”. Portanto, conhecer a importância da cultura dos povos africanos e indígenas para a formação da sociedade nas aulas de sociologia é sempre salutar. Desse modo, a abordagem da religiosidade afro-brasileira na escola dá sentido de inclusão inusitado, pois coloca o ser humano no centro do acontecer histórico. Falar sobre a vida cotidiana, o que inclui as religiosidades de matriz africana e indígena, contempla reflexões das representações construídas socialmente.

Além disso, Durkheim (1996) aponta que só é possível compreender as religiões recentes se acompanhar na história a maneira como se formaram. A história possibilita observar como se originaram e como adquiriram as características que atualmente possuem. Ainda de acordo com o autor, o processo religioso é a primeira forma de sistematização do conhecimento sobre o mundo. Assim, aponta que “antes dos primeiros rudimentos da física e da química, os homens já possuíam sobre os fenômenos físico-químicos noções que ultrapassavam a pura percepção, como aquelas, por exemplo, que encontramos mescladas a todas as religiões” (DURKHEIM, 2007, p. 15).



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Para concluir a análise do livro didático, à conciliação entre teoria e prática no ensino de Sociologia traz alguns pontos que são esclarecedores em relação a educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Acreditamos que para tornar as aulas atraentes, é necessário criar e recriar modos que concilie teorias e práticas educacionais, só dessa forma seria possível fazer com que os estudantes compreendam suas raízes culturais. No entanto, para isso é preciso que o próprio docente possa pensar sociologicamente. Segundo Zygmunt Bauman e Tim May (2010, p.26), “pensar sociologicamente significa entender de um modo um pouco mais completo quem nos cerca, tanto em suas esperanças e desejos quanto em suas inquietações e preocupações”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do livro didático foi verificado que o ensino de sociologia, inserido em um contexto de reforma educacional, apresenta de forma limitada os temas relacionados a educação para as relações étnico-raciais. Apesar de reconhecermos que os livros didáticos de Sociologia é um importante conquista da disciplina, a observação aponta limitações que precisam ser corrigidas. Além disso, com a apresentação superficial do conteúdo, perdemos a oportunidade de apresentar um espaço reservado para desnaturalizar e desconstrução de estereótipos e estigmas.

Assim, este trabalho corrobora com o estudo de Silva (2009) sobre as limitações da sociologia como disciplina escolar. Segundo autora, existe um saber acumulado sobre os mais variados temas das ciências sociais, mas não sabemos como abordá-los na sala de aula. Se não levarmos a sério o princípio de que as necessidades contemporâneas dos educandos devem ser problematizadas e incorporadas pelas práticas de ensino, será difícil romper com o tradicional ensino de sociologia.

Em resumo, a intenção da proposta deste estudo foi fornecer subsídios para garantir reflexões sobre a importância da educação para as relações étnico-raciais como ferramenta pedagógica, ressaltamos que ao longo do processo de entendimento do tema, seja pelas referências utilizadas, seja pela análise de conteúdo do livro didático, alcancei os objetivos do estudo. Mas vale ressaltar que com o advento do novo ensino médio, os livros didáticos mudaram o formato e passaram a ser independentes por áreas de conhecimento e os conteúdos estão sendo apresentado de forma mais genérica. Assim, indagamos, será que permanece ou não os problemas que foram aqui expostos?



REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. Manifestações do preconceito de cor. In: BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. SP: Contexto, p.72, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ciências humanas e suas tecnologias In: **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394, 1996. Brasília: 1996.

DIAS, Thiago da Conceição. **Educação das relações étnico-raciais**: reflexões acerca da construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira no livro didático de Sociologia. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas/Sociologia – Centro de Ciências de Bacabal, Universidade Federal do Maranhão. Bacabal, 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: 3ª edição, Editora 34, 2009.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



NOGUEIRA, Fábio. Governo Temer como restauração colonialista. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Rio de Janeiro, p.4-5, 9 jan. 2017.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan. 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Movimento negro e crise brasileira, atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

SEVERINO, Renata Alexandre. **A formação da identidade da criança negra no contexto escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Psicólogo no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, junho 2010.

THORNTON, John. **A África e os Africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro, editora Campus, 2004.

VESENTINI, José William. **A questão do livro didático no ensino da Geografia**. Novos caminhos da Geografia in Caminhos da Geografia. Ana Fani Alessandri Carlos (organizadora). 5.ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2007.

ZAMPARONI, Valdemir. A África e os Estudos Africanos no Brasil: Passado e Futuro. **Cienc. Cult.** vol.59 no. 2 São Paulo Ap./jun. 2007.